

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

SETÚBAL

30.º aniversário da CASA DO GAIATO

Fez, no passado dia um de Julho, trinta anos que Pai Américo deu início a esta Casa do Gaiato.

O Júlio Mendes escreveu-me e telefonou, insistindo «que é preciso dar relevo a esta data; trinta anos — dizia o Júlio — são três décadas, é quase uma vida!»

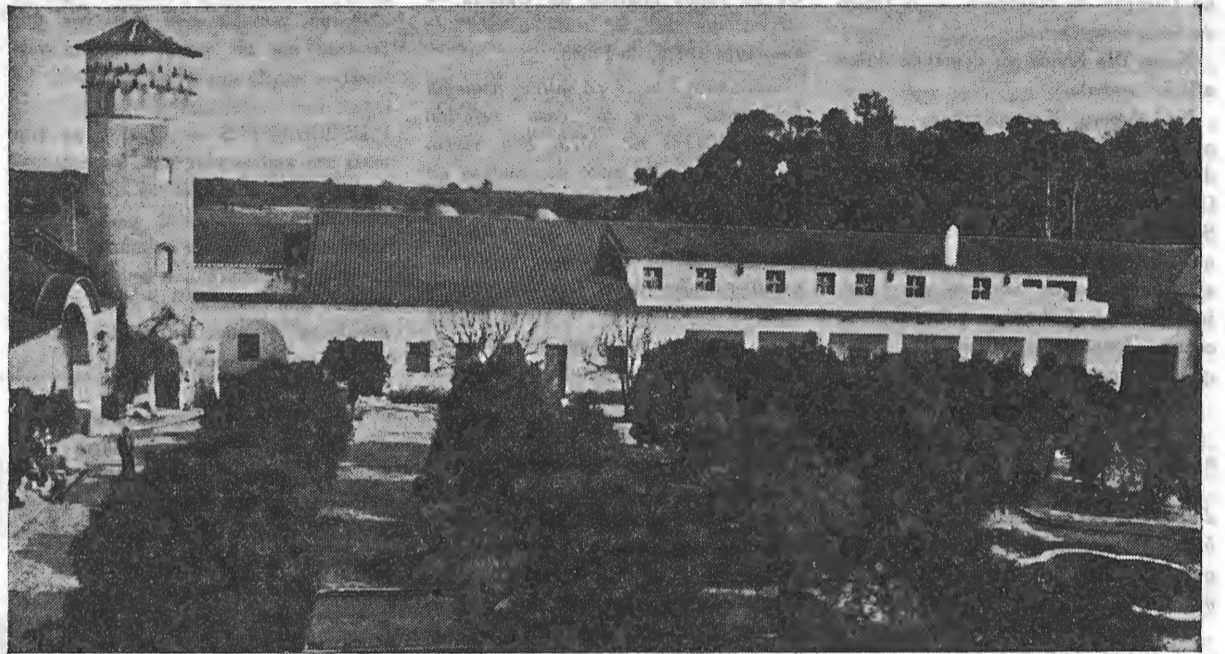
O Júlio lá sabe fazer as contas e dar-lhe a necessária expressão. Quanto a mim que vivi este tempo, quase desde o início, nesta e com esta Casa, pareceu-me mais curto que o dia de ontem! Noto assim que o olhar para nós próprios é muito ilusório. Para entendermos melhor a realidade, necessitamos de ver os Outros. Na verdade, os primeiros Rapazes começam a ter filhos casadoiros e a gente a ver-se na idade dos avós.

O tempo é breve, revela-nos a Escritura; mas só a experiência evidencia este dado da fé.

O balanço destas três décadas aparece com fidelidade no Livro da Vida, selado pela Misericórdia e Bondade de Deus. Só ao Cordeiro Imaculado — Jesus Cristo — é dado abrir e conhecer!

O Pai Américo chamou, com toda a propriedade, «Santuário» às nossas Casas. «Santuário de Almas»!

O que se passou, construiu no coração e na consciência de cada gaiato; os vícios que se venceram, as taras que se aniquilaram, o equilíbrio que se adquiriu — são valores que ultrapassam a realidade descritível. Nem os santos conhecem a fundura do santuário!... Ela transcende-os. Muito menos eu posso, aqui, dizer algo da Obra feita em quase meio milhar de Rapazes. Eles estão aí: Na administração pública, no ensino, na magistratura, na medicina, nas grandes empresas, nos officios humildes; empresários, comer-



cientes, ou simples trabalhadores por conta própria!... Eles estão aí, na vida!... Alguns ainda verdadeiramente empenhados na dilatação do Reino e em Obras de Apostolado.

Que sejam Homens! Numa ou noutra categoria social é secundário! Com mais ou menos sucesso na vida material e profissional é muito acessório! Que sejam Homens no assumir de todas as responsabilidades: individuais, familiares, profissionais, sociais e políticas!

O período revolucionário desorientou alguns, arrastando-os para situações de degradação de que ainda se não recompueram; mas vacinou centenas deles, e a nós, pelo grande sofrimento a que nos submeteu, trouxe uma resistência e uma capacidade invencíveis, a olhos terrenos.

Do ponto de vista material, esta Casa foi, e é, de todas, a que mais dificuldades económicas tem sofrido. A Força do Sobrenatural tem sido o grande apoio! Foram trinta anos de contínuo deslumbramento!

Os motivos e as formas como o Espírito de Deus mexe, de maneiras sempre novas e imprevisíveis, no coração das pessoas, aumentam o encanto e a intensidade deste deslumbramento!...

No Centro de Setúbal construímos um Lar com capacidade para sessenta Rapazes, oficinas de serralharia, carpintaria e tipografia, escritórios e armazéns. Comprámos máquinas e ferramentas! Desenvolvemos a agricultura e a pecuária! Construímos e reconstruímos toda esta Aldeia, iluminados pelo mesmo deslumbramento, que apesar de contínuo não cansa nem se monotoniza.

Nunca nos apoiamos em dinheiro ou subsídios oficiais, mas somente no Pai do Céu, na certeza do Seu Amor e da Sua Fidelidade! Aos Pobres nunca negamos qualquer auxílio; e os nossos Rapazes casados ou independentes encontraram sempre um apoio familiar compatível com as nossas possibilidades e as suas dificuldades.

A nossa maior carência é

uma casa na praia. Temos dois barracões de madeira, velhos, clandestinos, instalados criminalmente em terrenos estaduais que já me sujeitaram a uma condenação de cem dias de cadeia que esta Casa remiu a dinheiro — e onde nos sentimos em situação falsa. Precisamos dum instalações capa-

Cont. na 3.ª pág.

AQUI, LISBOA!

«A vida religiosa nas nossas comunidades seja o centro. As grandes aflições dos Padres da Rua tenham aqui a sua origem; vale mais a alma do que o corpo. Por ela, pela alma dos Rapazes, sangrem os Padres até ao fim. A nossa Capela. A Missa dominical. O ensino da doutrina cristã... A prática das orações quotidianas. Os Sacramentos: pôr-lhes a Mesa, chamá-los ao Banquete e chorar se eles não quiserem vir. Chorar os nossos pecados.» (Do Fundamento da Obra da Rua e do Teor dos Seus Obreiros — Pai Américo)

A Casa do Gaiato de Lisboa é a única que não dispõe de Capela. Na ordem de prioridades estabelecidas deixámos para o fim a sua construção. Arquitecto amigo, com largos e generosos serviços prestados à Obra da Rua, acaba de depositar nas nossas mãos pecadoras um projecto, onde a arte, a sensibilidade e o engenho se entrecruzam, alimentados por uma fé viva nos Valores eternos, como convinha.

Vamos pôr mãos à tarefa, que só Deus sabe se a veremos chegar ao fim, mas que, nem por isso, desejaríamos deixar de impulsionar. Sentimos, dentro de nós, as palavras de Pai Américo que nos mandam seguir em frente: «A verdade é que os obreiros do Evangelho não fazem cálculos nem têm programas. Assim como os edifícios, também os alicerces da nossa vida oferecem muita segurança. Aqui, particularmente, Cristo Jesus é a Pedra Angular. Que ninguém edifique de outra maneira».

Sabemos de antemão que nem tudo vai ser fácil. Habitados, porém, como estamos ao perfume e à beleza das casas, supomos naturalmente também os espinhos, aliás fonte de empenhamento e de perseverança. Para já precisamos dum Engenheiro que se disponha a fazer os cálculos indispensáveis e, depois, naturalmente, dos recursos materiais para levarmos a cabo a empreitada. Estes sur-

Cont na 3.ª pág.



PELAS CASAS DO GAIATO

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

■ Festa do Coração de Jesus, sempre Dia grande, muito cheio, na alma de Pai Américo, absorvida no Coração do Nazareno — o Único de Vida sempiterna!

Nesse Dia fomos em demanda duma aflição urgente.

Na véspera já topáramos, casualmente, alguns sinais de miséria escondida, em plena oficina dum artesão. Olhos na obra, não demos logo fé. Só num dado momento em que ouvimos soluços, lágrimas de dor! Então, viramos as costas, notamos um vulto, interpelamos. Todavia, a pobre mulher com o lenço nos olhos, sem dizer quê, desaparece a sete pés!

— Que tem ela...!?

O artesão baixa a cabeça, suspira e responde:

— Há muita pobreza em casa dela...! Está doente... O home, também... Os encargos são muitos... Adei, q'ando faltam os braços, entra a miséria...!

Ouvimos. Não comentámos. Disse a verdade toda, todinha!

Ao pôr-do-sol batemos à porta dos aflitos. Assoma o doente, que fora sempre um diminuído e tem singrado pela genica da mulher — em extinção!

Construíram uma casinha em lugar airoso. Gastaram o que tinham e não tinham. Esgotaram pele e osso!

Entretanto, aparece a maior sacrificada. Se já era esqueleto, agora mais. Olheiras fundas! O relógio do seu calvário noite e dia...

— Ele andava pelo Seguro. Já lhe deram alta, mas não pode trabalhar! É dos ossos; é fraqueza...

— Uma descalcificação?

— É isso...! Não se pode vergar; não aganta...! Tem uma grande fraqueza nos ossos!

— E a Maria...?!

— A minha doença é pior...!

Tem razão: foi sempre uma moura de trabalho, o braço forte do lar.

— A minha doença é do coração...

— E não só...

— É fraqueza... Tudo...! Sabe Deus q'anto me custa, às vezes, pôr a panela à lume e não ter quê...! A gente aperta muito p'ra dar ôs filhos; muito!

Revela encargos à banca, a particulares:

— No mês que vem temos de pagar juros...

— E uma amortização...

— Foi isso q'eles disseram, lá no Banco! Não sei como vai ser... q'a vida dos Pobres, a nossa vida custa tanto! Não sei como vai ser...!

Procurámos deixar naquele Dia, naquela hora, naquele lar — ao pôr-do-sol — uma palavra de Esperança fundada no Coração de Jesus. Procurámos enxugar lágrimas nos olhos deste casal!

PARTILHA — A voz e os queixumes dos Pobres clamam fundo na alma dos Leitores! E muitos partilham, caso por caso, em torrentes de amor cristão! Graças a Deus!

Um tripeiro, da Rua Faria Guimarães, com 1.000\$00, um abraço fraternal, e acrescenta: «O meu coração pequeno está sempre convosco»

— com os Pobres. Tão bem sintonizado com o Coração de Jesus!

Pela mão do nosso Padre Luiz, da Casa do Gaiato de Lisboa, cheque da assinante 26523, da Capital. O costume de Vilares (Vila Franca das Naves). Vale postal de Algueirão: «A minha habitual participação, referente aos meses de Maio e Junho», para «uma senhora idosa e doente». Os 10 rands mensais de Umbilo — África do Sul. E mais 500\$00 do assinante 31415, do Porto.

Assinante 14802: «A minha pequena lembrança para o caso referido n'º O GAIATO n.º 1075. Sou viúva. Fui casada pelo santo sacramento do Matrimónio. Em acção de graças pela grande mercê que Deus me concedeu de vivermos em comunhão até ao dia em que o Senhor se lembrou de nos separar — levando o meu marido para Ele — vai esta migalha da minha pensão para ajuda do pãozinho das crianças..., pobres inocentes que são sempre as que mais sofrem!»

Assinante 23618, 500\$00. Idem, da assinante 24025. Assinante 4546 expediu um cheque de Alpedrinha — com a Amizade de sempre. Um vicentino de Baguim (Rio Tinto) presente com os habituais 750\$00 «para a Viúva». Assinante 25337, de Paço de Arcos, 1.000\$00 e um voto amigo: «Desejo-vos muitos anos de saúde para tratarem dos Pobres».

Rosa, d'algueres (conhecemos a letra...), 500\$00 «para auxílio dum aluguer». Só um deles custa aos nossos Leitores 7.500\$00 mensais! Assinante 13329, da Rua Júlio Dinis, Porto, 1.000\$00 «com um agradecimento muito profundo». Mais Porto: assinante 19177 com a oferta mensal e sempre muita devoção e delicadeza para os Pobres. Finalmente, da «Avó de Sintra», 2.000\$00 «para a família do costume, a quem desejo que Deus ajude e abençoe. Logo que me seja possível — sublinha a nossa Avozinha — enviarei mais umas migalhas para os mais necessitados; e não são poucos aqueles que, infelizmente, estão nessas circunstâncias. Peço também a Deus que ilumine quem pode, para repartir com quem não tem». Assim seja!

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

Paço de Sousa

PRAIAS — Começou a época balnear. Não se fala noutra coisa: praias e férias!

Os rapazes do primeiro turno já estão a gozar merecidas férias — que há tanto tempo desejavam.

Esperamos que o primeiro turno decorra normalmente.

FUTEBOL — No dia 10 de Junho defrontámos o «Junqueira», equipa vizinha, e vencemos uma vez mais.

No fim do jogo o placard marcou 8-6 a nosso favor. Mais um jogotreinó que serviu para rodar todos os nossos jogadores.

A partir deste momento poderemos dar resposta às equipas interessadas em defrontar-nos, dado que o nosso balneário está pronto.

TELEVISÃO — Mais uma vez recebemos uma equipa da RTP do Porto, que fez uma reportagem sobre a nossa Aldeia dos Rapazes. Entrevistaram o sr. Padre Manuel António, que referiu o caso de um grupo que abusivamente tem feito peditórios... invocando a nossa Obra e por isso chamou a atenção dos telespectadores.

Apesar de ser uma breve reportagem, felicitamos o redactor que a elaborou, por ter sido objectivo, por mostrar em tão pouco — com verdade — aquilo que nós somos.

ESTUDANTES — Chegou ao fim mais um ano escolar para os estudantes diurnos e nocturnos do Ensino Secundário e também para os da Teleescola e da Escola Primária.

Os que estudaram, e se esforçaram, é claro que passaram de ano — o que aconteceu a uma parte dos nossos estudantes. Felizmente!

VISITAS — Continuamos a receber a visita de excursões escolares e de famílias paroquiais. Mas sem desprimor para todos, sublinhamos, agora, a de um grupo de escuteiros da nossa região. Fizem demonstrações de exercícios e cantaram. Parabéns aos jovens escutas.

No dia 16 de Junho houve um grande convívio em nossa Aldeia, de uma freguesia dos arredores do Porto. Além de atracções musicais, um imitador tocou e entoou canções de Paco Bandeira e de outros artistas portugueses. No fim, ofereceram uma merenda.

Um domingo diferente dos outros!

Ludgero Paulo

TRABALHO NO CORVO

TRABALHO — As aulas terminaram para a maior parte dos nossos rapazes, estudantes em Coimbra. Ao longo do ano lectivo alguns deles mostraram poucas provas de estudo! Ao lado, outros empregaram-se a fundo, tentando obter os resultados merecidos.

Os estudantes mudaram de posto, transferiram-se para Miranda do Corvo. Atendemos à nossa lavoura com uma semana em cheio a cuidar do milho, a dar beleza à terra. O esforço de todos é patente; também o escarvalho da batateira, como é normal, apareceu e tratámos de lhe dar o que merece — insecticida e sulfato.

O trabalho na quinta é contínuo; a horta está amarelada com o tempo que tem estado; dias muito quentes e a terra ressequida. Mas a rega vai dar outro aspecto. Regularmente o milho e o feijão, bastante crescidos, começam a tapar as ompas. São caneteiros bem organizados que passam a ser regados diariamente.

Com a tarefa da agricultura ainda aguardamos um espaço no trabalho para embelezar a nossa Casa, no arranjo dos jardins. Perto da piscina foi feito um poço, sem profundidade, onde está colocado um moinho de alcatruzes, dando uma vista magnífica. Também os nossos carros de trabalho, da lavoura, foram recolhidos e expostos num jardim, à entrada da Casa, junto das oficinas. Deixaram de ser úteis, agora que a

indústria e a mecânica imperam. Foram vendidos os bois e ficámos só com as vacas leiteiras.

Agora vamos agarrar-nos ao trabalho para merecermos ir uns dias de férias para a praia.

VISITAS — Temos sido visitados por muitos Amigos e muitos grupos escolares: de Gouveia, da Lousã, de Penela, etc. No domingo passado vieram seis grandes autocarros com pessoas da freguesia do Paço — Torres Novas. Passaram parte do dia em nossa Casa. Foram muito contentes e nós também gostamos sempre de receber visitas dos Amigos e comer coisas boas que eles nos trazem. Venham muitos!

Despeço-me dos amigos Leitores com muita amizade.

Adelino

Tojal

GESTO HUMILDE — Todos os Rapazes procuram na Comunidade a verdadeira felicidade. Com gestos humildes se constrói essa felicidade. Chegou o correio e entre muitas cartas aparece uma com 20\$00: «Sou pobre e só posso mandar esta importância para o nosso jornal». Só Deus sabe quanta alegria nos deu!

MARCO PAULO — Veio juntar-se à nossa Comunidade. É profundamente marcado pelas muitas manchas que tem a nossa sociedade. Na sua carita de 7 anitos e no físico vêm-se os sofrimentos por que já passou. Hoje, com as brincadeiras, com os seus amigos do parque infantil está construindo, dentro do seu coração, a alegria; e, esperamos, com ela aparecerão as flores da esperança, da confiança e do amor...

BAPTISMO E PRIMEIRA COMUNHÃO — «Jesus crucificado é outra vez escândalo para uns, vergonha para outros, e para muito poucos, Vida.» (Pão dos Pobres — pág 98)

Alguns dos nossos Rapazes foram baptizados no dia 9 de Junho e receberam pela primeira vez o Corpo de Nosso Senhor Jesus Cristo. Orientados pelos mais velhos aproximaram-se mais da Sabedoria de Deus. Todos os dias, cerca duma hora; e, mais intensamente, durante 15 dias reuniam-se na Escola e falávamos dos Mistérios do Reino... O que é o Baptismo? Para quê nos baptizamos?... Porque é que comungamos?

O Baptismo tem uma grande importância como sacramento da iniciação cristã. Tanto mais feliz para nós, pois cremos e nos sentimos assim verdadeiramente filhos e não de qualquer pai, mas d'Aquele que é Deus.

Tornados filhos de Deus já não somos estranhos e alheios, mas membros da grande Família que é a Igreja; e, assim o esperamos nós, que não fomos «os escolhidos, mas os rejeitados»... do mundo, da sociedade!

Eis os gaiatos que foram baptizados: António Leal, Gonçalo, Guilherme, João Cipriano, Luís Pereira, Marco Paulo, Nuno Fernando e Paulo Faria. Fizem a primeira Comunhão: Guilherme, José Nunes, Jorge Caseiro, Rui Gomes, Paulo Cascais, Luís Pereira, Luís Marques e Sá Rosa.

LINHAS — Cada um sabe as linhas com que se cose; e para que não pareça ignorância mal agradecida sabemos que as linhas que cosim a nossa roupa são de leitoras amigas que as foram buscar ao canto da costura, mandaram caixa e tudo (as que tiveram o requinte de comprar estejo para nos remendarem, não com linhas podres, mas das que tecem estes remendos pobres feitos com gestos de amizade). Pela resposta ao nosso apelo, muito obrigado!

José Manuel dos Anjos Nunes

Retalhos de vida

Carlinhos



Sou o Carlos Alberto Teixeira José, mais conhecido por Carlinhos.

Nasci na freguesia de Penajóia (Lamego) em Outubro de 1973.

Vim para a Casa do Gaiato apenas com cinco anos. Estou aqui, na nossa Aldeia de Paço de Sousa, quase há seis anos e muito contente, pois a minha mãe não tinha condições para me ter na sua companhia. Eu e o meu irmão Toninho viemos para a Casa do Gaiato pela mão do sr. Padre Carlos.

Frequento a Escola Primária e, depois, gostaria de ser carpinteiro.

Mando muitos cumprimentos para todos os leitores d'O GAIATO.

Carlos Alberto Teixeira José (Carlinhos)

AQUI, LISBOA!

Cont. da 1.ª pág.

girão sem dúvidas de qualquer espécie.

Asseguradas as condições materiais mínimas para uma vida digna e são d'Aqueles que aqui ingressam, chegou a altura de edificar a Casa de Deus. Ele não precisa de nós, nós é que precisamos d'Ele, porque indigentes e fracos. Local de recolhimento, de oração, de perdão, acção de graças e de súplica, a Capela é um púlpito, é uma escola que muito ajudará a sarar as feridas da alma e a formar o carácter dos jovens — «vale mais a alma do que o corpo».

Alguns dos nossos Leitores não compreenderão bem, talvez, a nossa atitude. Respeitamos. Que ao menos, pelas obras realizadas pela Instituição ao longo dos seus 45 anos de existência, nos seja concedido o benefício da dúvida. Vejamos, todavia, o que Pai Américo escreveu n'O GAIATO, a propósito da inauguração da Capela de Paço de Sousa, em Março de 1946: «Eu construí a Capela para mim, para mim, três vezes para mim. Suspirei por este dia. Esperei com violência. Hoje é a posse plena. A minha vida é volúpia. Ninguém

Setúbal

Cont. da 1.ª pág.

zes, à beira do mar manso e azul que nos banha!... Há dias pediram-me por algo que nos satisfaria, sessenta e cinco mil contos! Senti a espinha dorsal gelar-se e não mais pude pensar naquela Casa nem naquele espaço! Precisamos muito de uma casa de férias! Os nossos Rapazes e as crianças pobres de Setúbal. Pois se, um dia, tivermos uma casa na praia, ela será nossa e dos Pobres.

Projectamos trazer, rapidamente, para o campo, para junto da Casa-mãe em Algeruz, as nossas oficinas. A actual situação, com algumas vantagens, não compensa as desvantagens. Todos os padres da Obra da Rua acordam e se comprometem nesta mudança. Tornaremos assim a vida da Casa mais comunitária e mais fácil, pois a presença dos mais velhos e melhores facilita a orgânica de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes. Pouparemos os esforços de duas presenças paternas e obteremos continuamente o rendimento que os Rapazes mais velhos e mais dotados transmitem aos mais novos e vice-versa.

Com o apoio do Lar, os Rapazes que quiserem aproveitar o ensino nocturno deslocar-se-ão juntos, em transporte nosso. Cremos também que os nossos clientes não nos irão deixar!

Padre Acílio

faz ideia do que seja sentir (compreender não) na alma a presença real do Mestre, inefável Mistério a que os crentes chamam o Santíssimo Sacramento; ninguém». Os homens de fé são assim e Pai Américo deixou-nos o exemplo. Aquele «três vezes para mim» quis significar uma vida totalmente para os Outros, ligando a «ficha» e transmitindo a luz e o calor do Evangelho; «para mim», local privilegiado para levar a «despacho» os problemas e as necessidades dos Irmãos mais necessitados.

Em páginas de ouro do nosso Jornal estão recolhidos os ecos e as respostas havidas a propósito da construção da Capela de Paço de Sousa, nomeadamente das gentes do Porto. Houve que dizer «basta!» E agora sur-

ge a vez de nos dirigirmos aos Amigos da Capital, precisamente com palavras de Pai Américo, quando do arranque desta Casa, em 1947: «Nós não pedimos arrecadas nem anéis. Não ditamos leis de segurança pública. Lançamos o pregão amoroso e pacífico aos homens de boa vontade: As vossas sobras. As vossas sobras. As vossas sobras, ó lisboetas!»

* * *

«Dar à criança panoramas saudáveis é salvá-la.» (Pai Américo)

É sabido, que a História o afirma e repete, ser a decadência das civilizações uma consequência lógica e natural do aviltamento moral das classes dirigentes. São os maus exem-

plos destas que arrastam para o caos e pervertem as restantes.

Todos sabemos que educar é uma tarefa ingente, exigindo perseverança e paciência. Destruir, di-lo a experiência, é fácil. Difícil, isso sim, é assentar pedra sobre pedra, corrigir os desvios e proceder aos acabamentos. Formar um Homem, então, dotado de consciência própria, livre, mais árduo se afirma, ainda que, inerente à condição de qualquer educador que se preze. No exemplo, sobretudo, se encontra a maior e mais eficaz arma educativa.

Escreveu Pai Américo que «dar à criança panoramas saudáveis é salvá-la». O mesmo se dirá dos jovens. Não basta pregar como Frei Tomás..., é indispensável dar testemunho daquilo que se propõe, em coerência e verdade.

Vêm estas despreziosas considerações a propósito dos espectáculos indecorosos que nos têm oferecido muitos dos membros das classes dirigentes. Propaga-se aos quatro ventos a austeridade e delapidam-se os bens públicos; fazem-se leis e não se cumprem; exige-se trabalho e produtividade e muitos, colocados em lugares de chefia, dispõem das coisas públicas como se de feudo próprio se tratasse; cantam-se loas à liberdade e à democracia e as pessoas, ao fim e ao cabo, não se respeitam e acabam por se afirmar como déspotas.

Para quem tem a responsabilidade de educar, bem se pode repetir e fazer os mais insanos esforços, se os exemplos autênticos não existem e, se aqueles

que os deveriam dar, agem de modo contrário.

Têm as palavras acima como causa próxima o espectáculo indecoroso que a Televisão nos mostrou, há dias, numa Casa onde o civismo e o respeito deveriam imperar, com os ditos Representantes do País envolvidos em cenas de autêntica pancadaria, com os insultos e os agravos mais soezes à mistura. De resto, consultados os «Diários das Sessões», todos podemos corroborar que, infelizmente, a linguagem utilizada nem sempre é a mais correcta e delicada, antes capaz de fazer corar as pessoas menos exigentes.

Como simples cidadãos, que também procuram, mau grado as próprias limitações, formar e instruir os seus educandos numa linha de compreensão e de aceitação mútua, banindo os gestos agressivos e a linguagem torpe, protestamos por tão indecoroso procedimento. Os tristes acontecimentos de S. Bento, para lá de incompreensíveis, representaram um deletério e inqualificável serviço à causa da educação do Povo e, em particular, dos seus jovens. Haja respeito que os exemplos devam vir de cima.

● A campanha de assinaturas d'O GAIATO continua. Reiteramos o que já aqui foi dito: Nos estabelecimentos de Lisboa já referidos continuam a receber-se listas de assinantes, bem assim pelo telefone, na Casa do Gaiato, Santo Antão do Tojal, 2670 Loures, ou no Lar do Gaiato, R. Ricardo Espírito Santo n.º 8, r/c, D.to, 1200 Lisboa.

Padre Luiz

ASSOCIAÇÕES dos Antigos Gaiatos

Norte

Realizaremos no dia 14 de Julho o 1.º Encontro de Antigos Gaiatos do Norte. Apelamos à comparência de todos, em Paço de Sousa, com o seguinte programa:

9,30h — Concentração junto ao portão; 10h — Missa; 11h — Desafio de futebol entre antigos e actuais gaiatos, seguido de banho na piscina; 13h — Almoço (traz o teu farnel); 14,30h — Café no bar, seguido de reunião geral; 16h — Visita guiada.

Luís Gomes

Centro

9 de Junho foi o dia marcado para a realização do 2.º Encontro dos Antigos Gaiatos da nossa Casa do Gaiato de Miranda do Corvo.

Alguns começaram a chegar com uns dias de antecedência devido à grande distância que os separava de nós e a viagem ser longa. A meio da manhã chegou uma grande caravana automóvel, que tinha partido de Coimbra, liderada por uma das nossas carrinhas que foi buscar os que não tinham transporte. Depois, foram os abraços e beijos, e as recordações de há longos anos; caras que não se viam também há muito tempo, e agora apareceram com a família para não faltarem ao Encontro.

Passado este momento de euforia reunimo-nos às 10,30h para celebrar a Missa dominical no nosso salão, pois a Capela não tinha capacidade para albergar tanta gente. Foi um momento muito sério, pois

é Jesus Cristo o grande Centro da nossa vida. Todos participamos e pedimos por todos aqueles que de alguma maneira estiveram ligados à nossa Casa e não puderam vir, pelo menos de corpo.

No fim da Missa voltou a reinar a boa disposição; e não era para menos, pois foi a preparação do almoço, partilhado ao ar livre, em que comemos febras e sardinha assada vinda no mesmo dia do mar, não faltando o nosso pão, azeitonas e outras coisas e um pipo de vinho.

Depois de estarmos saciados, e tomada a bica no nosso bar, reunimo-nos todos novamente no salão para fazermos um mini-convívio em que foram reconhecidas e homenageadas pelos antigos e novos as nossas duas senhoras, Maria da Luz e Maria do Rosário, com uma placa de gratidão pela sua entrega total à vida dos Rapazes, 37 e 36 anos, respectivamente. As placas foram entregues pela mão dos actuais chefes.

Depois foi o que todos também ansiavam: um encontro de futebol entre os antigos e actuais gaiatos, em que aqueles mostraram que os anos não lhes tiraram o vigor nem a fome de bola!

Foi uma tarde cheia de alegria! Após o jogo de futebol houve uma merenda-jantar entre todos, novamente partilhada por todos.

E aos poucos nos despedimos com a promessa de cá voltarmos. Mais um dia em que deveremos reflectir: no futuro das nossas vidas e na vida da Obra da Rua.

João Paulo

O livro «A PORTA ABERTA» e os Leitores

É devorado (passe a expressão) por milhares de Amigos, pois já despachámos cerca de seis mil exemplares!

Além desta obra, muitos Leitores requisitam outras da nossa Editorial: Pão dos Pobres, Obra da Rua, Isto é a Casa do Gaiato, Barredo, Ovo de Colombo, Viagens, Doutrina, Calvário e Subsídios para o estudo do pensamento pedagógico do Pai Américo.

Não temos mãos a medir, graças a Deus! No entanto, melhor será escutar os Leitores. Laranjeiro (Almada):

«Recebi A PORTA ABERTA que, daqui para o futuro, me fará muito bem para educar um filho de nove anos. Leio-o com muito gosto e, sinceramente, tem-me ensinado muito.»

Miramar:

«O conteúdo d'A PORTA ABERTA — verdadeiro tratado de pedagogia — deveria ser lido e meditado por todos aque-

les que se dedicam à sublime tarefa de ensinar.

Continuem a mandar jóias como esta para enriquecer a minha biblioteca ou a de pessoas amigas...»

Um membro do Episcopado português agradece o oportuno e encantador livro A PORTA ABERTA, rico em lições do grande Padre Américo.

Porto:

«No meio de tanta prosa que alguns órgãos de comunicação social nos vão intoxicando o espírito pelo modo como descrevem infelizes e condenáveis actos da sociedade presente, A PORTA ABERTA é um antidoto que faz bem à alma e nos obriga a sentir o valor da Pedagogia do Padre Américo.»

Águas Santas:

«Livros como A PORTA ABERTA são Línguas de Fogo que vêm queimar o nosso ho-

Cont. na 4.ª pág.

EDUCAÇÃO E PROBLEMAS SOCIAIS

Em réplica a palavras de Oliveira Martins que lamentavam a inhabilidade dos portugueses para adaptar a uma estrutura moderna da sociedade «instituições adequadas à vida natural do trabalho e da indústria», pergunta António Sérgio: «Porque não sabe a nação utilizar-se das instituições da liberdade, do trabalho e da indústria?» E a modo da resposta procurada, cita Alexandre Herculano: «Necessário é ao pobre, ser activo e industrioso; e não será decerto com o antigo sistema de instrução que o povo português progredirá na indústria...»

O drama está em que este diálogo de há pouco mais de um século permanece como estado da questão nos nossos dias. Continuamos «afogados em um mar de doutores e não temos talvez dez indivíduos capazes de construir as mais

simplices máquinas de agricultura e de indústria...», prossegue Herculano. E volta Sérgio a interrogar: «Como haveriam de progredir dentro das recentes instituições da liberdade e do trabalho as gerações que se educavam — que continuaram a educar-se — na passividade e na retórica? Como sairia um industrial de um decorador de compêndios?»

O texto de Sérgio está cheio de constatações desgraçadas como esta, que ele cita do economista Anselmo de Andrade, retomado por Ezequiel de Campos: «A falta de espírito prático do Português resulta da educação que se dá à sociedade. ... É uma educação feita pelo funcionalismo à sua imagem e destinada a fazer viveiros de funcionários». Por isso o custo dos serviços públicos por habitante em Portugal era, ao tempo, de cinco vezes mais ao do-

bro do de países de que vamos agora ser parceiros na Comunidade Económica Europeia. Quais serão os valores actuais desta relação? Gostava de os saber! Mas temo não terem melhorado, tão emaranhada se conserva, ou tem crescido, a teia burocrática!

«Os remédios», conclui Sérgio, «são, evidentemente, uma escola do trabalho e da autonomia, do labor profissional e da iniciativa». O problema não é tanto «de compêndios e programas». Mais importante é «revolucionar os próprios métodos, o ambiente social em que a criança vive; apelar para as acções e para os hábitos pelas acções instituídas». «Se conseguirmos deslocar a Escola do enciclopedismo para a criação, o aluno, ao sair, terá amoldado o seu espírito à iniciativa produtora e virá a ser para a sociedade uma fonte de progresso».

Eis um problema político prioritário, que aliás se há-de resolver por uma sábia e saudável despolitização dos objectivos imediatos, pois que ja-

mais se pode construir uma democracia autêntica sem cidadãos autênticos e estes não serão tais sem uma educação cívica fundada nos princípios que este livro de Sérgio nos recorda ... ou apresenta.

Não deixam os economistas citados, como também os historiadores invocados, de denunciar a baixa política da inércia encostada ao comércio de especiarias ou a ouro de Brasis e do serviço de clientelas, como causa daquela inhabilidade crónica que nos leva à estagnação em crises de isolacionismo orgulhoso ou de associativismo de fraca competitividade.

A Escola Nova que Sérgio propôs, organizada à maneira de Repúblicas Juvenis, deveria mesmo acautelar-se desse risco de imitação dos Estados que os adultos fazem. E transcendendo o âmbito da Escola, mas valendo também para ela, advertiu: «Tem a administração municipal muito pouca relação com as doutrinas aventadas pelos partidos da política, sendo mesmo que a dissociação do governo municipal e da política dos grandes partidos é das mais urgentes reformas que se impõem; mais: um dos primeiros fins do Município Escolar vai no concorrer para que se restrinja essa tirania dos partidos. Daí a necessidade fundamental de impedir que nas Escolas surjam partidos inspirados nas clientelas políti-

cas da nação a fim de que preparem cidadãos dispostos a atender antes de tudo aos interesses reais do Município».

E mais adiante: «Tal o ponto de vista em que, finalizando, pedimos ao leitor que se coloque ao medir o valor pedagógico da autonomia ligada ao trabalho profissional; prevemos qual seja o seu juízo, se estiver como nós, convencido de que a verdadeira luta social não é a de operários e patrões que os marxistas apregoam, mas a dos produtores e não produtores: a dos operários, patrões, cientistas e mesmo capitalistas de um lado; e do outro lado, os parasitas de toda a espécie, entre os quais o da política é o mais nocivo, o mais infeccioso e o mais gargantuesco».

Também nós finalizamos, aqui, este contacto tão útil quanto saboroso com um homem da espécie dos raros, que amou o Homem, a sua Pátria, quero dizer: os homens da sua Pátria.

Não vale a pena imaginar o que teria ele hoje para nos dizer, se visse ainda, aqui e agora. Seria muito incómodo aos novos instalados.

Vale, sim, meditar no tanto que nos disse; e esforçarmo-nos por passar da «passividade e carneirismo de pseudocidadãos» a cidadãos de pleno direito porque comprometidos na construção de um mundo melhor.

Padre Carlos

O livro «A PORTA ABERTA» e os Leitores

Cont. da 3.ª pág.

mem velho para restaurar o Homem novo do Evangelho. Não consigo lê-los sem ficar com os olhos marejados de lágrimas, pelos quadros tão belos que nos contam e tão bem me fazem.

Desculpem o atraso..., mas a libertação é lenta, pois autênticas telas de aranha parecem fios de aço a impedirem ser mais pronto.»

Lisboa:

«Encomendei dois exemplares de A PORTA ABERTA para substituir os que ofereci a uma jovem universitária polaca que esteve entre nós e se interessou vivamente pela Obra da Rua. Essa jovem de 25 anos — que fala, escreve e lê muito bem o português — partiu para a Polónia cheia de saudades, mas pensa voltar. Nessa altura visitar as Casas do Gaiato. Assim Deus o permita!»

Um Amigo do Porto acaba de nos afirmar, pelo telefone, que o Dr. João Evangelista Loureiro, numa obra publicada em 1980, refere que Pai Américo é citado em mais de duzentas publicações estrangeiras!

Por fim, mais um pequenino extracto da Introdução, escrita pela Dr.ª Maria Palmira Duarte — Autora do livro:

«Somos a Porta Aberta... assim designava o Padre Américo a sua Obra para rapazes. Assim se designa este livro que pretende apresentar a sua pedagogia e que só depois da sua morte em 16 de Julho de 1956 foi retomado num desejo imenso de dar a conhecer a capa-

cidade de amor do Pai Américo pela criança da rua, capacidade de amor que inspirou todo o seu trabalho.

Na aparente desordem das Casas do Gaiato há uma profunda sabedoria, um pensamento educativo, um caminho deliberadamente escolhido para atingir um fim: «fazer de cada rapaz um Homem». E nessa medida pode afirmar-se que tinha um método educativo. Porém, o que fez do Padre Américo um grande pedagogo não foi o seu método, mas sim a forma como o viveu, a forma como o construiu e adaptou. Talvez, como poucos, ele compreendeu que os métodos são apenas um meio de realização de alguma coisa que o próprio método não contém e que sempre o transcende pelos valores que representa.

Na realidade ninguém caia no erro de supor que por haver métodos educativos haja educação. O método é um caminho, ou é um conjunto de técnicas ou de regras para se atingir um objectivo. Se se perde o seu sentido, se não se procura sempre a significação que ele adquire com as mutações da própria vida, pode acontecer existir o método educativo sem existir educação.

A pedagogia para existir, para ser autêntica, supõe sempre uma pujança de vida comunitária feita de relações muito vivas, muito íntimas entre o educador e os educandos. É essa estreita comunicação que no seio de qualquer comunidade educativa gera clima afectivo sem o qual não há educação.»

Júlio Mendes

TRIBUNA DE COIMBRA

Fui também impulsionado pela carta dos dois pequenitos que chegaram ontem que faz juntar a minha às vozes de tantos que clamam. Ei-la:

«Mãe: Eu gosto de estar na Casa do Galato. Eu e o Zé dormimos os dois no mesmo quarto e temos muitos amigos.

Eu gosto da nossa comida; é boa e saborosa.

Eu fui dar uma volta pela quinta da Casa. É grande e bonita.

Fui ver a estátua do fundador desta Casa: «Padre Américo».

No domingo vieram cá cerca de 400 pessoas na Rodoviária Nacional.

No fim deste mês já acaba a Escola e começa-se a partir para a praia de Mira. Eu gosto de brincar com muitos amigos na praia.

Um abraço do João Paulo e do José Manuel.»

Estes dois pequenos de 9 e 10 anos têm três irmãos mais novos. Os cinco ficaram órfãos, há dias, pela morte inesperada do pai. A mãe ficou prostrada com a sua sorte e sorte dos cinco filhos. Abrimos imediatamente a nossa porta.

A carta destes dois obriga-me a mergulhar mais na vida deles. Encontrarem muitos amigos. Gostarem da comida. Darem uma volta pela quinta e acharem-na bonita. Ir ver o busto de Pai Américo. Dar conta das visitas. Brincar com os amigos na areia da praia.

O mundo das crianças que despertam para a vida! Todas

elas anseiam pelo seu mundo. Um mundo que as ajude a fazer felizes.

O nosso telefone chamou-me já várias vezes por causa dum pequenito de 8 anos, cujo pai foi, há dias, morto à facada. Ficaram os filhos órfãos e a mãe destruída. Disse que sim. Este ainda não tem nada de Escola Primária.

Uma senhora da cidade veio por causa dum de sete ou oito anos. Anda sozinho pelas ruas. É o guarda dum campo que o acolhe e lhe põe remédio para os piolhos. A mãe abandonou-o há muito e o pai faleceu há pouco.

As vozes destas crianças bradam aos Céus! Clamam por justiça. Eu quero juntar a minha às vozes delas e gritar.

Quem vem substituir as mães destas crianças? Quem quer ser mãe delas só por amor? Quem vem preparar a comida para que seja boa e saborosa? Quem vem fazer da casa ambiente acolhedor para que todos se sintam amigos? Quem vem?

Tantos apelos temos feito no jornal, nas igrejas, em reuniões, nas salas das nossas Festas e as mães e irmãos mais velhos não aparecem! E há tantos desempregados!...

O Zé tem três anos e ontem veio com as sandálias na mão para eu lhas calçar. Disse-lhe que fosse ao irmãozito que tem mais dois anos e respondeu-me: «O Rui é mau!» Tive eu de pegar nas sandálias do Zé. Ele gosta muito de colo.

Quando os vejo com o ranho no nariz e a olharem-me com olhos meigos fico roído cá por dentro. Eu não tenho jeito para estes trabalhos. E muitos que têm jeito não os aceitam.

Tantos desempregados e há tanto trabalho neste campo! Trabalho para quem queira arriscar e se queira comprometer. Quem quer? Onde estão os cristãos comprometidos a sério? Ser-se cristão não é compromisso com Deus e com os homens?

Padre Horácio



Director: Padre Telmo Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Administ.: Casa do Gaiato-PAÇO DE SOUSA-4560 Penafiel-Tel. 952285
Comp. e impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato-Paço de Sousa-4560 Penafiel

Depósito legal n.º 1239

Tiragem média por edição no mês de Junho: 55.545 exemplares.